

Etnicidade e ressonâncias patrimoniais nas identidades indígenas do centro-oeste paulista

Kaetê Spessotto Okano*

Resumo

Propõe-se investigar as possíveis relações entre ressonâncias patrimoniais e pertencimento étnico, relativos à cultura material arqueológica, com populações indígenas do centro-oeste paulista. O trabalho de campo foi realizado em eventos públicos, sobretudo no museu Índia Vanuïre (MIV), em Tupã, que tem promovido, em conjunto ao Museu de Arqueologia e Etnologia da USP (MAE-USP), um estreitamento entre entidades museológicas e povos indígenas, trabalhando em conjunto às comunidades Guaranis, Terenas, Krenaks e Kaingangs da região de Avaí, Tupã e Arco-Íris. A partir de depoimentos proferidos nos eventos, a pesquisa explora se e em que medida a parceria entre museus e indígenas reverbera na vivência de temporalidade, memória e transmissão destes: o discurso arqueológico é incorporado às narrativas, à luta de terras e à defesa de suas identidades? De forma simétrica, também se propõe o questionamento: a reverberação é unilateral, ou os museus também se permitem reformular suas práticas a partir do encontro com outras epistemologias?

Palavras-chave:

Etnoarqueologia, patrimônio, etnicidade.

Introdução

A Arqueologia Democrática, vertente da arqueologia pública, preza pela valorização igualitária de conhecimentos produzidos por diferentes públicos e comunidades. Este projeto, orientado também pela antropologia dialógica¹, pretendeu investigar, a partir de depoimentos de comunidades indígenas do centro-oeste paulista em contexto de aprendizado e trabalho museológico, a produção local de sentidos arqueológicos, explorando relações entre os conceitos de ressonância patrimonial² e identidade étnica. Sendo a identidade étnica orientada para o passado, o trabalho arqueológico pode participar desse processo de auto-categorização, uma vez que articula passado e contemporaneidade na interpretação de seus achados, seja pelos arqueólogos, seja pela comunidade local. Algumas pesquisas exemplificam as potencialidades dessa relação. Vivências como as realizadas em parceria com as entidades museológicas, aliadas ao maior acesso ao ensino superior através de iniciativas como o Prolind (MEC) e por sistemas de cotas são relevantes uma vez que marcam o contato com a produção acadêmica referente às etnias indígenas. Neste processo, os próprios povos produzem seus discursos sobre os estudos que, antes, os tratavam como “o Outro”, discursos que podem, inclusive, tomar a forma de museu.

Discussão

A antropologia dialógica (DWYER, 1979) e a arqueologia pública nortearam a postura em campo. As relações de poder no fazer científico têm sido uma grande preocupação nas áreas de antropologia e arqueologia desde suas viradas ontológicas. Reconhecendo a presença do cientista em sua prática, a antropologia pós-moderna põe em foco os pressupostos do próprio campo, admitindo ser ela, também, cultural. Implicando no questionamento da autoridade e da legitimidade do discurso etnográfico, levando os antropólogos a buscarem uma antropologia plurivocal, reconhecendo-se enquanto cientistas-cidadãos e pensando eticamente em sua profissão³.

Os próprios eventos realizados pelo MIV, em seus formatos, transpassaram preocupação na maneira de expor saberes de forma simétrica, e foi possível perceber maneiras específicas das comunidades em lidarem com a cultura material. Debates sobre o sagrado no museu e exposição de vestígios humanos ressaltaram divergências entre o modo acadêmico e os modos indígenas de pensarem as questões, e demonstraram o quanto os museus ainda devem desconstruir alguns pressupostos não para representar as populações indígenas, mas permitir que elas se representem em seus espaços.

Conclusões

Em um contexto de constante deslegitimação de suas identidades por não-indígenas, com base em noções identitárias essencialistas, o cultivo e a preservação das práticas tradicionais de comunidades indígenas se faz necessário. Constatou-se que, para as comunidades que já possuem museus próprios, eles foram vistos como ferramenta de afirmação identitária (uma vez que expõem suas práticas culturais específicas para os visitantes) e, conseqüentemente territorial (uma vez que a deslegitimação identitária está associada à perda de direitos, como os relativos à terra). Foi possível observar também que houve reverberação na transmissão de memória das populações indígenas. Se houve conflitos entre informações acadêmicas e comunitárias, eles não foram ressaltados nos eventos. Por outro lado, alguns objetos despertaram memórias que instigaram a pesquisa técnica e o resgate de tradições não esquecidas, mas *adormecidas*.

Agradecimentos

Agradecimentos à Unicamp, à CNPQ e ao SAE pela oportunidade, e a Frederic Pouget pela orientação durante a pesquisa.

¹ DWYER, K. *Dial. Anthropol.* Volume 4, Issue 3, pp 205–224, October 1979

² AMORIM, A. P. *Rel. e Sof.: Ress. patr. no disc. rel. em OP (MG)*. Goiânia, 2013

³ PEIRANO, M. G. S. *Uma Antrop. no Plur. – Tres Exp.Cont.* 1992